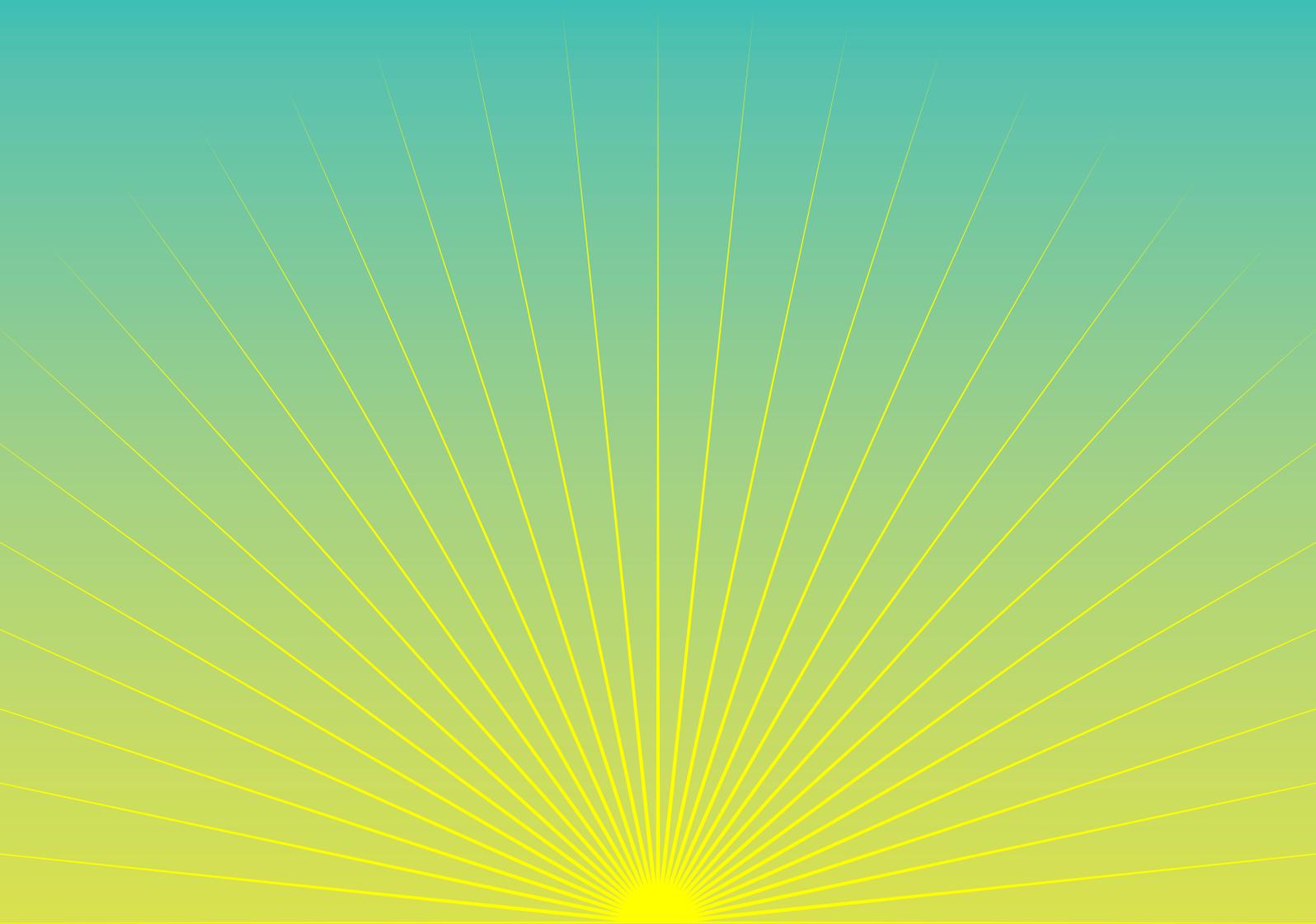


caderno de leituras n.117

série *intempestiva*

voo das abelhas da terra

ana mumbuca



**nota da
editora**

A palavra “caminhar” é recorrente na escrita de Ana Mumbuca e, onde quer que Ana a escreva, nela está o quilombo, está a terra, estão as pessoas. O caminhar é sinônimo do passo que nunca se desvencilha da terra. A não ser que olhemos para cima, assim a palavra “caminhar” torna-se o voo das abelhas. Escrevi para a Ana Mumbuca numa terça-feira à noite para convidá-la a escrever um texto, esse que agora publicamos aqui, sobre o enfrentamento das comunidades quilombolas ao Covid-19. Ana me respondeu me enviando o link de um vídeo ao vivo que iniciaria dentro de minutos, era um debate sobre Racismo Ambiental, do qual ela participaria. Li em seguida sua dissertação de mestrado: “Uma escrita contra-colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão — TO”, defendida em julho de 2019, na Universidade de Brasília, que me havia sido enviada, antes mesmo que conversássemos, por Antônio Bispo, que foi quem me colocou em contato com ela. A ele agradeço. Agradeço muitíssimo à Ana Mumbuca por ter aceito o convite.

Clara Delgado

existência poética

Vidas poemadas
Poemas são sopro existencial
Existe vida que dança
Na dança da vida

Como pássaros voantes caminho para os altos
Como raiz das sementes do Cerrado
mergulho profundo no chão
Somos a existência infinita da passagem por aqui
Sou quem sabe amarrar e soltar
Apropriada de nós
Gozando com a dor e na dor

Sou um pedacinho de muitos
Sou quem caminha e vira o caminho
Eu sou pelo que fomos
Para além do que fizeram com nós

Ana Mumbuca

1. Antônio Bispo dos Santos. "Somos da terra". *Piseagrama*: Belo Horizonte, n. 12, pp. 44-51, 2018.

Pelo olhar contra-colonialista, escrevo este texto com o propósito de registrar percepções quilombolísticas das diferentes guerras, em especial nos tempos pandêmicos. Quilombo é um conjunto de vidas em defesa contínua sustentada em compromissos do compartilhar ancestral e cosmológico. Quilombo é a força das rebeldias contrárias a todas as ordens opressoras. Não pedimos e nem pediremos libertação, pois fomos e somos construtores das nossas próprias liberdades.

Abstenho da ideia unânime de quilombo, e apresento o ser quilombo que vivo e estamos construindo. Pelo nosso existir insubmisso, afirmamos com total certeza que, conforme o que diz o mestre Antônio Bispo dos Santos, "*Saiu o primeiro navio negreiro, eis o primeiro quilombo. O primeiro aquilombo foi ali dentro, com as pessoas reagindo, jogando-se dentro do mar, batendo e morrendo. Aí começou o quilombo*".¹

O quilombo Mumbuca localiza-se em uma região chamada Jalapão, no leste do Tocantins, exatamente no município chamado Mateiros, e faz divisa com os estados da Bahia, Piauí, Maranhão. Somos uma grande família, descendemos dos povos da África trazidos para o Brasil. E nossa reação foi nos retirar das terras nordestinas, ocupamos um recanto cercado por serras e rio.

Tinha 14 anos de idade, era véspera dos anos 2000, o dito século XXI. Pela primeira vez, experimentei coca-cola; pela primeira vez, assisti televisão e me enxerguei dentro dela; pela primeira vez, vi a imagem de um avião tão de perto.

A apresentadora Glória Maria fez a abertura do programa Fantástico da rede Globo com os seguintes dizeres: "Uma cidade brasileira, finalmente, entra no século XX às vésperas do século XXI". O apresentador Pedro Bial continua: "Mumbuca vive hoje um natal iluminado". E assim a reportagem mostra como foi a chegada da energia elétrica no quilombo Mumbuca.

No decorrer da reportagem, uma tia entrevistada pela repórter diz: “Hoje nós achamos que estamos no meio da sociedade, através da energia”. Um outro morador afirma: “É um milagre, é uma coisa que a gente se espanta, a gente fica até com medo, a gente passa pela estrada, vendo os postes, vendo os fios, a gente fica espantado, mas sabendo que já chegou em nosso meio, a gente não acredita, mas, quando vê a claridade, a gente passa a acreditar, né?”.

Vivíamos em um cantinho que não fazia “parte do planeta globalizado”, o nosso intacto paraíso de muitas dificuldades e repletas alegrias. Éramos tão sozinhos. Pela percepção da tia, a sociedade só chegou para nós através da energia elétrica. “E a gente até fica com medo”. Há 20 anos, o medo era um dos nossos sentimentos. O medo foi o meu sentimento no dia 26 de fevereiro de 2020, quando o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso da Covid-19 no Brasil. Com a confirmação, senti a dimensão de fazer parte do planeta globalizado, como nunca antes. Embora, para nos defender, eu tenha viajado para diferentes lugares, nunca me senti tão global. Somos um destino turístico, temos um fluxo de visitação de pessoas que viajam o mundo. Finalmente me senti incluída no mundo, e como a inclusão era dolorida.

Na noite do dia 27 de fevereiro, caminhei até o local do curso de pré-vestibular, dos jovens do quilombo que insistem teimosamente em continuar ocupando as universidades públicas. Na aula de redação, o exercício proposto foi que fizessem uma redação, nos moldes que as universidades solicitam, sobre o tema Covid-19. Era quase uma maldade solicitar este tema. Surpreendentes debates e soluções foram apontadas. Uma cursista propôs que a ONU fizesse uma convocatória para juntar os melhores cientistas de todos os países em um só local com os melhores equipamentos e tecnologias possíveis, e que só saíssem de lá quando encontrassem a vacina.

Ficamos refletindo sobre a “quase” certeza do não interesse mundial de tal possibilidade, o mergulho nas “in”certezas dos interesses propositais das mortes, a exemplo, o sistema de armamento nucleares, risco eminente de uma catástrofe da humanidade e o desprezo dos alertas de aquecimento global e outras ameaças globalizantes imediatas.

Neste cenário, passamos a nos preparar para mais uma onda difícil. Na ocasião, muitos diálogos fizemos para construirmos o autocuidado compartilhado. No dia 17 de março, o dia da primeira morte no Brasil, os mumbucas se reuniram em Assembleia Extraordinária, deliberamos baixar nosso decreto próprio pelo fechamento do quilombo para visitação turística por tempo indeterminado; chegamos ao seguinte acordo: não seria permitido que os nossos mais velhos fossem para a cidade; a saída do Mumbuca seria permitida só em caso de extrema urgência; seria permitido o retorno dos familiares; permitiríamos apenas a entrada da equipes de saúde e segurança; seriam proibidos jogos/ intercâmbios/ eventos fora do território do quilombo; seria permitida a passagem de pessoas do território de Boa Esperança e todos teriam que seguir as recomendações mundiais de saúde. Uma frase estava escrita no cartaz de divulgação do decreto: “Sempre lutamos juntos para viver, em qualquer situação, atentos aos cantos das cuãs. E conjuntamente tocamos o Borá. Seguiremos em defesas de todas as vidas”. E assim seguimos, com a nossa principal fonte de renda prejudicada, pois sem as atividades turísticas, nossos produtos de artesanato de capim dourado não são vendidos, nossas vendas eram inteiramente realizadas na loja coletiva em Mumbuca. E assim a vida continua, reforçamos os plantios, muitas das famílias foram para as casas nas roças, outros retornaram das cidades.

Mumbuca é conhecido pelo artesanato de capim dourado, estamos no Jalapão há séculos. Em 2001, o estado criou sobre o nosso território o Parque Estadual do Jalapão. E desde então, estamos em defesa para continuarmos vivendo nesta terra, sem sermos expropriados do lugar que os ancestrais nos deixaram por muitas lágrimas, sangue e suor. Fomos o quilombo que inspirou uma novela da rede Globo de televisão, o estado do Tocantins

sempre nos “usou” para ganhar visibilidade, nosso artesanato, nosso canto, nossas expressões culturais. Sem nenhum pudor, somos vidas objetificadas. Então, é comum apostar no Jalapão com as paisagens naturais e a fauna, sem a gente, isto é, as muitas facetas do racismo ambiental apagam a nossa existência neste ambiente.

No mês de maio de 2020, o estado fez uma web conferência nos informando que reabriria o Parque Estadual do Jalapão para as atividades turísticas. Mas uma vez, Mumbuca se posicionou argumentando que a proposta do governo estava ignorando a situação de vulnerabilidade dos moradores do Jalapão. Após este primeiro embate, o estado não nos chamou para os seus encontros, ou seja, as decisões sobre nós foram feitas sem nós, ignorando dispositivos como a convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Fizemos uma representação junto ao Ministério Público Federal, que passou a nos acompanhar.

Como se não bastasse, nos deram um insignificante subsídio, a entrega, apenas por duas vezes, de cestas básicas para algumas famílias em abril e julho. Fora isso, nenhuma política pública foi destinada a nós. No dia 19 de junho de 2020, fomos surpreendidos com a visita do presidente da Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC). Na ocasião, ele fez uma ampla justificativa para a reabertura das atividades turísticas, argumentando que os interesses econômicos não poderiam continuar sendo prejudicados. Naquela tarde, nós, os mumbucas, principalmente a juventude, nos encontramos com o representante do estado e, respaldados pela orientação e decisão dos mais velhos, entregamos um documento contendo dez razões para a não reabertura das atividades turísticas no Jalapão. Foram elas:

1. Somos sabedores do quanto o povo jalapoeiro sofre com a precariedade na SAÚDE e no ACESSO no Jalapão, mesmo antes da pandemia. Isso tende a se agravar ainda mais no cenário atual.
2. O risco de transmissão comunitária em comunidades tradicionais (quilombola, indígena,

entre outras) é maior, já que o vírus passa a se disseminar dentro da própria comunidade e não mais por alguém de fora. O perigo é que, quando isso ocorrer, não adiantará bloquear o acesso aos de fora. Portanto, hoje, o Jalapão AINDA tem a possibilidade de se manter a salvo. Basta não reabrir as atividades turísticas. ISSO DEVE SER MANTIDO.

3. Os epidemiologistas afirmam que, quando o vírus contamina alguém, essa pessoa pode demorar até duas semanas para manifestar sintomas. Até isso ocorrer, ela já terá repassado o vírus para pelo menos outras três pessoas (no caso de uma região como o Jalapão, esse número pode ser maior, por se tratar de comunidades com muito contato físico). Quem se responsabilizará?

4. A saúde deve estar em primeiro lugar: sabemos que a região do Jalapão representa 68% do turismo no estado do Tocantins. No entanto, o estado não deve aumentar os riscos de vida dos jalapoeiros em defesa da ECONOMIA DO ESTADO. Entendemos que a economia é importante, mas o que adianta economia sem saúde?

5. Esse é o momento de o estado construir o ordenamento turístico da região do Jalapão, fazendo com que o turismo seja uma atividade sustentável e não proliferadora do vírus. Isso significa manter a região FECHADA PARA O TURISMO até o momento que a curva de contaminação estiver regredindo.

6. Temos muitas pessoas idosas e MUITOS CASOS DE DIABETES E PRESSÃO ALTA. Todos eles são GRUPOS DE RISCO. O Jalapão não é o mesmo sem os primeiros habitantes desse território. PRECISAMOS PRESERVAR AS VIDAS DE NOSSOS MAIS VELHOS.

7. Medidas semelhantes foram tomadas em outras comunidades quilombolas que recebem turistas, as comunidades localizadas em Paraty (RJ), Vale do Ribeira (SP) e no Território Kalunga (GO).
TODAS ESTÃO EVITANDO O FLUXO DE PESSOAS.

8. Os protocolos não são garantias seguras, desrespeitam as comunidades jalapoeiras ao afirmar que é importante retomar o turismo, simplesmente nos deixando de fora. Além disso, não serão eficazes, pois o vírus passará a circular nas cidades, onde temos que circular constantemente.

9. Ainda não tem vacina e quando surgir, mesmo que ela surja ainda neste ano, não sabemos em quanto tempo chegará no Jalapão.

10. Para continuar vivendo, exigimos que essas colocações sejam consideradas pelos gestores públicos.

Embora tenhamos argumentações incontestáveis sobre os riscos de vida que estávamos enfrentando com o retorno das atividades turísticas, o estado e os operadores do turismo não se importam com as nossas vidas.

De forma inesperada, o governo anunciou a reabertura do Jalapão para o dia 19 de julho, a partir de um plano e protocolo feitos apenas com a participação dos gestores municipais e com a Associação Tocantinense de Turismo Receptivo (ATTR). De parte da representação das agências, principais interessadas na reabertura do Jalapão, há menção a uma barreira policial que barraria a entrada a dois dos quilombos, Mumbuca e Prata, pois somos colocados como ameaça, pela metodologia FOFA. Os demais quilombos, Rio Novo, Carrapato, Formiga, Ambrósio e Boa Esperança, que têm a maioria dos atrativos naturais, não foram mencionados. O povo reagiu com a campanha “Jalapão com vida”.

Devido às nossas mobilizações, os prefeitos das três cidades do polo turístico recuaram e conseqüentemente o ESTADO RECUOU, mas não desistiu das muitas tentativas de nos atacar. Com a mobilização dos jalapoeiros, o município onde está localizado o Parque Estadual do Jalapão, entre os 139 municípios do estado do Tocantins, foi o último a chegar a Covid-19.

Após apresentar os ataques contra nossas vidas, apresento a perspectiva das defesas e, dentro das defesas, cabe a nós contrariar, quebrar com todas as formas de opressões. No entanto, faço o exercício de supor a nossa aliança com o sistema vigente. Seria preciso reconhecer que somos inúteis, já que somos um grupo de não acumuladores, uns preguiçosos. Temos modos de vida que impedem o desenvolvimento do fantástico mundo capitalista, melhor dizendo, colonialista.

Decidiremos, em caráter de extrema urgência, participar da festa dos muitos ganhos, explorando todos os bens da natureza preservados por nós e por nossos ancestrais. Somos muitos. Temos jeitos compartilhados de viver, aceleraríamos os propósitos e destruiríamos, digo, desenvolveríamos o planeta.

Todos nós, os chamados povos tribais, minorias, povos tradicionais, indígenas, nativos e originários, ocupantes dos variados ecossistemas, desde as regiões polares, savanas, florestas e montanhas, combinamos de participar desta “festa mortal”. Finalmente, não seríamos impedimento para a consolidação da cultura única globalizada. O planeta estaria definitivamente livre das nossas práticas culturais, percepções, espiritualidades e reverências pela terra, já que são apenas manifestações supersticiosas, primitivistas e tudo que não presta. Na lógica colonialista vigente, é um erro terrível respeitar a existência de todas as vidas e assim seríamos incluídos na festa mortal, sem pensar em nada além dos lucros que ganharíamos.

Cansamos! E não continuaremos o erro humanitário de não participarmos de formas explícitas ou camufladas

dos mais diversos segmentos de domínio abstrato ou concreto, forjado a partir do crescimento industrial, científico, tecnológico e religioso global. Repudiamos o nosso maníaco comportamento social que não provoca atrocidades contra as vidas no planeta e, principalmente, contra a própria espécie humana. Definitivamente causamos muitos prejuízos ao sistema global.

Para desfrutarmos melhor dessa festa, vamos colocar um fim nas relações harmoniosas com a natureza, começando pela eliminação completa dos insetos. As abelhas serão as primeiras a serem eliminadas, pois subestimam os humanos, colocando-os como incapazes de polinizar as flores e fazer nascer os frutos que os alimentam. Já que são referidas como “as abelhas”, no feminino, e nunca como “os abelhos”, no masculino, elas seriam mesmo elimináveis, pois o mundo é patriarcal. Serão mortas de todas as formas possíveis, principalmente pelo uso de pesticidas, agrotóxicos, destruição do seu habitat. Quando todas as abelhas forem mortas, sendo espécie altamente inteligente, criaremos mecanismos substitutos das inúteis funções das abelhas, criaremos novo ramo de geração de lucros.

Todas as leis e formas de preservar que não sejam em benefícios dos humanos colonialistas não terão validade. Ampliaremos de forma contundente e qualificada as atividades para destruir, ou melhor dizendo, usufruir de todas as riquezas que o planeta oferece de graça.

O propósito maior é transformar as vidas em *commodities*. Quem não sabe o que é *commodities* obrigatoriamente terá que saber para adequar-se ao regime dos lucros a qualquer custo. Criaremos leis rigorosas para ninguém, nem sequer falaremos em preservação ambiental. Todas as “áreas protegidas” se tornarão “áreas lucrativas”. Nisso, a natureza não será desaproveitada.

Os rios, ribeirões, brejos, igarapés, cacimbas, lagoas, lagos, córregos e todas as águas, doces ou salgadas, e em todos os estágios e locais, serão utilizadas para fins econômicos. Poderão ser despejados nas águas todos os dejetos de minerações e esgotos. A ordem será explorar

o subsolo, solo e o espaço. Quanto aos animais, nenhum permanecerá vivo, a não ser para fins comerciais. Vamos eliminar a tal biodiversidade e viveremos felizes quase para sempre. Mas antes, faremos importantes homenagens a estes animais, suas imagens estarão gravadas em nossas moedas — claro, não será possível gravar a imagem de todos eles. O primeiro “homen”ageado será o lobo guará e os demais animais irão para importantes museus.

Finalmente, chegaremos aos bons tempos. Sem limitações burocráticas, políticas, ambientais, culturais. Nada nem ninguém nos perturbará. Os discursos ecológicos sustentáveis não farão parte nem das nossas lembranças. E assim, a nossa festa será completa com todos os banquetes e manjares do sistema colonialista em curso. Pensar sobre a nossa aliança com este sistema é literalmente decretar a morte das vidas no planeta, nosso jeito de viver produz equilíbrio em meio a tantas destruições. Se somos cuidadores da terra, quem cuida dos cuidadores? O que seria do mundo sem a nossa existência? Nós, povos da cultura politeísta, e os insetos, em especial as abelhas, temos um viver que faz nascer as flores, produzir os frutos e crescer as sementes. No entanto, estamos sendo mortos de diversas formas.

Enquanto o sistema vive as incertezas, construindo as certezas autodestrutivas, decidimos conjuntamente viver, pois a única certeza é a morte. Nenhuma ameaça global é tão grande quanto morrer por ser mulher, morrer por pertencer a este grupo. Nos matam por sermos quem somos. É pela certeza da morte que vivemos e cultivamos vidas. Em uma lógica competitiva dos que mandam no “mundo”, nós somos insignificantes como os insetos. Dentre os insetos, somos abelhas Tataíra, Abreu, Arapuá, Mumbuca, entre outras. Somos fazedoras de mel, somos polinizadoras do planeta e nosso jeito de existir faz nascer frutos que alimentam as vidas. Quem se importa com as vidas das pequenas abelhas? Em tempos pandêmicos, com pandemias que não são apenas contemporâneas, também é tempo de fazer alianças. Quais e como estão sendo as suas alianças?

referências

A minha ANCESTRALIDADE, todos os quilombos e todos as pessoas que vieram, estão e virão. Minha primeira referência existencial.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. “Os perigos de uma história única”. Conferência Anual TED Global 2009, 21-24 jul., Oxford, Reino Unido. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia>>. Acesso em: 16 set. 2020.

BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino Fula*. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCT/UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. “Somos da terra”. *Piseagrama*, Belo Horizonte: n. 12, pp. 44-51, 2018.

Caderno de Leituras n.117
série *intempestiva*

Voo das abelhas da terra
Ana Mumbuca

**Coordenação
editorial**
Maria Carolina
Fenati

Editora convidada
Clara Delgado

Revisão
Clara Delgado,
Dolores Orange

**Coordenação
de arte**
Luísa Rabello

Projeto gráfico
Mateus Acioli

Composto em Maax,
desenhada por Damien
Gautier para 205TF Foundry.

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte,
outubro de 2020

Esta e outras publicações
da editora estão disponíveis
em www.chaodafeira.com

Projeto Caderno de Leituras, nº 0699, aprovado no Edital 2017 oriundo da
Política de Fomento à Cultura Municipal (Lei nº 11.010/2016).

Realização **unibh**